

## **Dr. George Payton, Tradução da Bíblia, Sessão 2, Introdução à Tradução da Bíblia, Parte 2**

© 2024 George Payton e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. George Payton em seu ensinamento sobre Tradução da Bíblia. Esta é a sessão 2, Introdução à Tradução da Bíblia, Parte 2.

Olá, aqui é George Payton. Estou continuando a série sobre Tradução da Bíblia, e estamos falando sobre O que é Tradução, introdução a isso, e esta é a segunda parte. E da última vez falamos sobre tradução. O que é tradução? É transferir o significado de um texto de um idioma para outro.

Conversamos sobre qual é a diferença entre traduzir e interpretar verbalmente e algumas dessas diferenças. E agora vamos passar para alguns outros aspectos da tradução da Bíblia. Ok, tem uma autora, Juliana House, ela escreveu um livro em 2016 e é um livro grande e grosso, com cerca de dois centímetros de espessura na tradução.

E ela compilou uma série de definições de tradução de diferentes estudiosos, e há seis ou oito delas, e são todas diferentes. E todos eles têm sua própria interpretação do que chamam. E por isso é muito difícil definir e chegar à definição de tradução.

Mas, em essência, vamos falar sobre algumas das principais coisas com as quais todos concordamos sobre tradução e podemos falar sobre o processo. E isso dá-nos uma imagem, em vez de apresentar uma “definição de dicionário” do que é tradução. Então, você começa com o texto fonte em qualquer idioma, e ST é o texto fonte.

E então, você transfere o significado desse texto fonte para o texto alvo. E isso vem do idioma de origem e do idioma de destino. E então, estamos falando de comunicar o significado, estamos falando de equivalência, há algum tipo de igualdade nisso, há algum tipo de propósito para o texto, ele foi produzido por algum motivo específico.

Isso tem sido discutido ao longo dos tempos, pelo menos desde a época romana. Horace era um estudioso e orador, e tinha suas próprias idéias de tradução. Se continuarmos, veremos o trabalho de Jerônimo quando ele traduziu a Vulgata, a Bíblia latina, para o latim.

É a língua comum em latim, a Vulgata. Ele tinha suas próprias opiniões sobre o que deveria ser a tradução. Portanto, deveria ser sentido por sentido, em vez de palavra por palavra, exceto quando se trata das escrituras.

E ele foi muito, muito cuidadoso ao traduzir as escrituras. E ele disse que até os sinais de pontuação em grego e hebraico são relevantes. E eles nos dizem coisas sobre o significado e precisamos levar isso a sério ao transferir o significado.

E então há esta dicotomia, e esta dicotomia, chamamos-lhe literal versus livre. E eles têm lutado para saber se deveriam fazer traduções literais ou traduções livres desde a época de Jerônimo e até antes disso. E então, se você olhar para isso, o que significa literal? O que significa grátis? Infelizmente, ambos são muito vagos para serem realmente úteis.

Então, quando falamos sobre essa dicotomia entre literal e gratuito, isso de alguma forma não ajuda muito. Ao mesmo tempo, ouvimos isso em todos os lugares. É onipresente.

Mas também, embora não seja útil, é útil como ponto de partida para iniciar uma conversa. E então isso é algo que foi discutido. Quando você traduz um romance, isso deveria ser palavra por palavra ou sentido por sentido? Ou isso deveria ser significado por significado de alguma forma? Quando você traduz um documento jurídico, ele deve ser palavra por palavra e literal ou deve ser mais expressivo? Todas essas questões vêm acontecendo desde o início da tradução.

E realmente a primeira vez que traduzimos as escrituras foi quando o Antigo Testamento foi traduzido para o grego, e isso é chamado de Septuaginta, e foi traduzido por volta de 200-300 AC até a época de Cristo. Eles tinham pessoas diferentes produzindo porções diferentes da Septuaginta. Então, toda essa coisa de literal versus livre está falando sobre o lado da linguagem.

Trata-se de saber se a forma do produto final deve ser semelhante à forma do produto original. E geralmente é isso que as pessoas querem dizer quando dizem literal versus gratuito. Você nunca pode ser palavra por palavra entre um idioma e outro.

Você simplesmente não pode. Mesmo as nossas Bíblias mais literais em inglês não fazem isso. E teremos alguns exemplos disso.

Mas toda essa coisa de literal está do lado da linguagem, mas também lutamos de cultura para cultura. Você tem uma tradução de, digamos, o Livro de Gênesis foi escrito para um povo específico em um período específico da história, e eles estavam em sua própria cultura e em seu próprio contexto histórico, nas coisas que aconteceram com eles e em seus próprios compreensão cultural, sua visão de mundo, seus valores, todas essas coisas estavam associadas a esse texto porque as pessoas que o escreveram ou a pessoa que o escreveu estava escrevendo para aquele grupo de pessoas, sua própria cultura, pessoas da mesma língua e tribo. E

então, quando a gente vai e faz essa coisa de transferência, a gente tem dificuldades porque não viemos dessa mesma cultura.

Não viemos desse mesmo ambiente, de todo o meio social. E então, temos que lidar com isso quando pensamos na tradução. Então, não estamos apenas traduzindo palavras.

Não é apenas uma questão de colocar esta palavra aqui para aquela palavra ali ou esta frase aqui para esta frase aqui. É realmente como representamos o mundo do idioma de origem e do texto de origem no idioma de destino comunicado no texto de destino. Esses são alguns dos desafios e ilustraremos esses diferentes tópicos à medida que a série continua.

Ok, como dissemos, temos o texto fonte e então estamos tentando traduzir o significado do texto fonte para o texto alvo. Uma das coisas que House traz à tona é que você está sempre olhando para trás e para frente. O que isso significa? Significa que quando você está fazendo a tradução, você traduz uma parte dela, depois volta e olha o texto fonte.

Acertei essa parte? Então, você lê o texto fonte, lê o que escreveu no texto alvo e está sempre indo e voltando porque sempre quer ter certeza de que comunicamos bem. É preciso? O significado é transferido? E então há sempre essa relação de ida e volta. Outro fator importante na tradução é qual é a visão da cultura sobre o material traduzido. A tradução é de alguma forma secundária? Isto é particularmente verdade em línguas que têm uma história de literatura na sua língua e na sua cultura, e que têm uma história de coisas que foram traduzidas para essa língua. E então a questão é: como é que as pessoas locais daquela cultura específica e desse sistema literário específico veem um produto traduzido? É secundário? É de menor qualidade? É inferior? No nosso caso, a Bíblia inglesa é inferior à grega ou à hebraica? Algo para pensar sobre.

O que você acha da maioria das pessoas na igreja? Eles sentam lá e pensam, caramba, eu gostaria de ter o grego em vez deste ESV que estou olhando, ou algo assim? Provavelmente não. De alguma forma, a Bíblia está nessas diferentes línguas, e é feito isso em inglês também, e então se torna a nossa Bíblia. Esta é a Bíblia em inglês.

Não pensamos que seja uma tradução porque a lemos desde que éramos crianças ou porque a lemos desde que éramos cristãos ou crentes. Então nós simplesmente aceitamos como é, aceitamos e não vemos isso realmente como uma tradução. Muitas pessoas não.

Algumas pessoas podem, mas muitas vezes, a pessoa comum na igreja não senta aí e diz, com licença, pastor, o grego não diz isso. Não, não vemos isso. Porque você fica aí sentado ouvindo o que o pastor está tentando dizer.

Alguns dos meus estudantes de linguística, depois de terem feito cursos de tradução, dizem, bem, na verdade, às vezes é difícil para mim ouvir o pastor porque eles entendem errado o grego. E alguns dos meus alunos às vezes dizem que os cursos de tradução arruinaram a leitura da Bíblia. Mas geralmente não é o caso.

Então, do que estamos falando? Estamos falando de equivalência semântica ou equivalência de significado. Isso é uma coisa muito importante. E esta autora, House, ela coloca desta forma.

Na tradução, concentramo-nos no texto original e no texto traduzido, na medida em que o analisamos e ligamos sistematicamente as formas e funções detectadas na análise das cartas originais, a fim de revelar os motivos e escolhas originais pretendidas pelo autor. Em última análise, a análise linguística da tradução visa capacitar o tradutor para fazer as suas próprias escolhas fundamentadas. Em outras palavras, analisamos o texto fonte, as formas, como essas formas são usadas naquela língua, qual é a motivação do autor para escrevê-lo, toda a intenção do autor, e então como transferimos isso para este outra língua.

Então, o que é tradução? Voltando à tradução, a tradução é um processo de transferência de um texto escrito de uma língua de origem para uma língua de chegada, realizado por um tradutor ou tradutores num contexto sociocultural específico, ou seja, o contexto sociocultural das pessoas da língua de chegada. Em segundo lugar, em segundo lugar, o produto escrito ou o texto alvo, que resulta desse processo e que funciona no contexto sociocultural da língua alvo. Desculpe, o primeiro foi o contexto sociocultural do texto fonte.

O número dois é o contexto sociocultural da língua-alvo e do texto-alvo. Depois, três são os fenômenos cognitivos, linguísticos, visuais, culturais e ideológicos, que são parte integrante dos números um e dois. O que queremos dizer com isso? Isso significa que você realmente precisa pensar bem.

Este é um processo cognitivo. É linguístico. Você pensa na linguagem.

Você está pensando em palavras. Você está pensando em frases. E é visual.

Você está tentando pintar um quadro de como é essa outra cultura, qual é o significado relacionado a ela e qual é o significado então relacionado a nós. E então, há cultura envolvida. Existem diferentes ideologias que entram em jogo.

A cosmovisão das pessoas na Bíblia é diferente da nossa cosmovisão hoje. Como você preenche essas lacunas? Tudo isso é o que consideramos tradução, a tradução do texto fonte para o texto alvo e depois as características cognitivas e linguísticas. Assim, alguns tipos diferentes de traduções foram identificados.

O primeiro tipo de tradução seria intralingual, intra-significado dentro. E então isso está dentro da mesma linguagem. E se tivermos exemplos de tradução intralingual? A tradução intralingual é o que você faz quando parafraseia algo.

Por exemplo, se você está conversando com uma criança e ela lhe pergunta, o que isso significa? Então você tem que colocar isso em uma linguagem mais simples, significando a mesma coisa. Ontem minha nora estava conversando com nosso neto de três anos e disse: Deus é onipotente. E ele disse: o que isso significa? E então, ela disse que isso significa que Deus é todo poderoso.

Esse é um exemplo de tradução intralingual. Quando você tem uma linguagem técnica e deseja comunicá-la a alguém que não está nessa área específica, ela é transferida para uma forma diferente para que essas pessoas possam entendê-la. *Windows for Dummies* seria um exemplo disso.

Você tem esses tecnocratas, esses caras geeks que falam linguagem de computador e, desculpe, você pode dizer isso em inglês? E então, isso seria um exemplo de tradução intralingual. Interlíngua é aquele em que mais pensamos entre duas línguas diferentes. E passaremos a maior parte do nosso tempo nisso, mas quero mencionar um terceiro e que é intersemiótico.

E semiótica significa sinais ou símbolos e um sistema de sinais e símbolos. E então o que você faz quando traduz algo de um sistema de sinalização para outro sistema de sinalização? Por exemplo, na fala oral, as ondas sonoras são, por assim dizer, um sistema de sinais e cada idioma é diferente e, portanto, eles usam as ondas sonoras de maneira diferente. A mesma coisa com um alfabeto escrito.

O alfabeto escrito é um sistema de sinais diferente que comunica o pensamento. Então, ele pega o sistema de ondas sonoras e o coloca no sistema escrito usando símbolos para esse idioma específico. Então é disso que estamos falando.

Mas, de certa forma, estamos falando sobre pegar um texto que está escrito e colocá-lo em fala ou algo falado e torná-lo escrito. Vamos ampliar nossa compreensão e conceito de intersemiótica. Que tal um livro que se passa em um filme? Isso é intersemiótico em vários níveis diferentes.

Ou uma apresentação dramática de um livro específico. Ou um drama de uma peça específica da Broadway que depois é transformada em filme. Ou você pega um livro que está envolvido nisso.

E as músicas? Músicas de tópicos específicos. Portanto, temos uma série de maneiras pelas quais a tradução intersemiótica está sendo realizada. Hoje, normalmente não pensamos nisso como tradução, mas em certo sentido, na verdade é.

Então, se você pegar um romance francês e fizer um filme em inglês, isso terá sido uma tradução em termos de idioma, bem como de sistema de sinalização. Então, é do escrito para um filme, um vídeo. Portanto, esses tipos de processos de tradução são relevantes até mesmo para a tradução da Bíblia.

E chamamos isso, nos círculos de tradução da Bíblia, de material usado para envolvimento com as Escrituras. O que queremos dizer com envolvimento com as Escrituras? Envolvimento com as Escrituras: queremos que as pessoas se envolvam com o conteúdo da Bíblia. Queremos que as pessoas se envolvam na leitura de suas Bíblias.

Então, com que tipo de coisas você cresceu que não são a Bíblia, mas são coisas que têm a ver com a Bíblia? Alguém já viu livros de histórias bíblicas para crianças? Contos vegetarianos, vídeos, músicas infantis. Eu digo isso, e às vezes os jovens não sabem o que quero dizer com isso, mas sim flanelógrafos. Flanela gráfica é quando você tem um pedaço de flanela, e aí você tem pequenos personagens que são recortados desse mesmo tecido, e aí você cola ali, e aí o professor dá uma aula.

Os estudos bíblicos seriam material de envolvimento com as Escrituras. Os estudos bíblicos são para crianças e os estudos bíblicos são para adultos. Novamente, filmes.

O filme Jesus seria um deles. E o que está acontecendo hoje? Qual é a série de TV que está passando hoje? O escolhido. O Escolhido é o envolvimento com as Escrituras.

The Chosen é uma tradução intersemiótica. E as pessoas adoram. É ótimo.

Podemos ver visualmente como a Bíblia poderia ter sido. Foi exatamente assim? Não. Está perto o suficiente para nos dar pelo menos uma ideia? Tem algum uso.

E por que produzimos material de envolvimento com as Escrituras? Você está ensinando um estudo bíblico assistindo The Chosen? Não. Não é por isso que o temos. Nós o temos porque esse material nos atrai e cria uma conexão mental cognitiva, mas também uma conexão espiritual e emocional.

Somos atraídos pelo conteúdo da Bíblia assistindo coisas como The Chosen, ouvindo músicas e lendo livros. O objetivo é nos envolver mais com as Escrituras e com Deus. Pense nas músicas que cantamos na igreja.

Por que cantamos músicas na igreja? Porque faz parte da adoração. Isso nos conecta a Deus. Portanto, todo o campo do envolvimento com as Escrituras é uma parte importante do movimento de tradução da Bíblia hoje porque precisamos de mais do que apenas aquele livro.

Você e eu fizemos isso quando nos tornamos cristãos e crescemos em nossa fé. Alguns de vocês começaram quando crianças. Eu não.

Cheguei à fé quando era adulto. Mas com tudo isso para dizer, precisamos de mais do que as Escrituras. E assim, a tradução da Bíblia hoje envolve o envolvimento das Escrituras com diferentes materiais.

Continuando, gostaria de falar sobre o que constitui uma boa tradução. Estamos falando de quatro qualidades de uma boa tradução. Em primeiro lugar, uma boa tradução, e esta é agora uma tradução impressa.

Este não é material de envolvimento com as Escrituras. A tradução impressa precisa ser precisa. O significado precisa ser o significado do texto bíblico.

Não temos licença para mudar isso. E assim, quando olhamos para o nosso princípio de precisão, não estamos acrescentando nada ao texto que não deveria estar ali. Não estamos tirando nada.

Não estamos mudando nada. Nada é acrescentado, nada é alterado e nada é retirado. Então, essas três coisas são o que olhamos.

Em segundo lugar, deve soar como uma linguagem normal. Não deveria parecer estranho. Ouvi dizer que há um professor em um seminário que tem uma foto de Yoda na porta, e ele é professor de grego, e está escrito no pôster: Yoda fala está bem.

Yoda falar está bem. A fala de Yoda é boa na aula de grego. Yoda fala está bem quando você faz aquele exame de grego e seu professor quer saber, você realmente entendeu todas essas palavras? E aí você acaba mandando tipo para a loja, foi, foi, né? Imagine se toda a sua Bíblia fosse escrita dessa forma.

Ficaria velho muito, muito rapidamente. Você ficaria cansado de ouvir e ler isso. Na tradução da Bíblia, Yoda fala não está certo.

Deve soar normal. Deve parecer que as pessoas realmente falam com algumas cautelas. Mas vamos em frente.

Soa tão natural, linguagem normal. Outra coisa é que precisa ser compreensível. Então, se eu falo com você em suaíli, de repente eu pulo para o suaíli e começo a falar.

Você não consegue me entender. Realmente, é inútil para mim fazer isso. Não há sentido nisso porque você não entende.

Nossa escritura se comunica bem? As pessoas entendem isso? E se não o fizerem, fizemos o nosso trabalho de tradução? Lembre-se, trata-se de comunicação e trataremos do problema de comunicação em alguns minutos. Então, é preciso? É natural? Está claro? A última é se é aceitável. É isso que as pessoas estão esperando? E com isso queremos saber se essas pessoas gostam da forma como traduzimos de tal forma que ficam felizes em lê-lo? Na Tanzânia, houve um idioma que foi traduzido por uma agência diferente, uma Bíblia diferente. Uma Bíblia traduzida por uma agência diferente neste idioma no sul da Tanzânia.

Eles estavam tentando atualizar uma tradução feita cem anos antes. A primeira tradução foi feita em 1910, e aqui está no final dos anos 90, e estão tentando produzir uma versão atualizada. O que eles realmente fizeram foi recomeçar.

E eles traduziram a Bíblia inteira em cerca de seis anos. E estive em igrejas desse grupo linguístico e perguntei a eles, então, o que você acha dessa Bíblia? Ah, nós não gostamos disso. Por que não? Ah, nós simplesmente não sabemos.

E eu realmente nunca descobri o porquê. Mas basicamente, disseram eles, não gostamos de nada nisso e não o estamos usando. OK? Eles não aceitaram, e você sabe que eles não aceitaram porque não compram, não compram e não usam.

Não queremos que nossas Bíblias fiquem em uma caixa em um depósito. Queremos que nossas Bíblias sejam usadas, por isso precisamos ter certeza de que elas são aceitáveis. Agora, essas são as quatro qualidades que buscamos ao realizar o processo de tradução.

Estas são também as quatro qualidades que utilizamos para avaliar esta tradução no final do processo ou digamos, no final do processo. E então uma das coisas que normalmente fazemos na tradução, no mundo da tradução da Bíblia, é, digamos que traduzimos um livro específico, como o Livro de Jonas. Depois iremos retirá-lo e lê-lo com as pessoas, e perguntaremos: então, o que você acha que isso quer dizer? Você pode colocar isso em suas próprias palavras? O que isso está dizendo? Tem alguma palavra aí que você não conhecia? Sim, não sabíamos qual era essa palavra.

Então, fazemos essas perguntas a eles para que possamos dizer: isso soa natural? Está claro? E isso é aceitável? Você gosta disso? Isso é algo que você ficaria feliz em ler e usar. Então, usamos essas metas no front-end para servirem de parâmetro, as



ferramentas de medição no final do processo. Portanto, nosso objetivo é produzir uma apresentação de qualidade da palavra de Deus na língua receptora, a mesma da língua alvo, que esteja de acordo com as expectativas da comunidade cristã.

Ok, vamos aprofundar algumas outras questões na tradução da Bíblia. Então, algumas outras coisas a serem consideradas ao fazer a tradução da Bíblia. E essa questão de que estilo o povo quer? Nem sempre fica claro no front-end o estilo que eles desejam.

Num lugar, eles estavam fazendo algumas pesquisas nesta língua na Tanzânia com antecedência e disseram, bem, vamos pegar a Bíblia em suaíli, e há três versões diferentes em suaíli, e eles traduziram uma passagem das escrituras para o idioma local linguagem, modelando a partir da primeira, que é uma tradução literal em suaíli do inglês. O segundo foi moderadamente comunicativo, e o terceiro foi como uma tradução livre em inglês e uma tradução livre em suaíli, e então eles fizeram três parágrafos diferentes no idioma local. Um era literal, outro era menos literal e o outro era mais uma tradução livre.

E então, eles perguntaram às pessoas qual delas elas conseguiam entender melhor? E eles disseram, bem, o terceiro. Eles perguntaram qual deles gostaram mais. E eles disseram, o literal. E eles disseram, bem, isso é interessante.

Por que é que? E eles disseram, bem, quando nos sentamos na igreja, eles lêem a Bíblia em suaíli e não conseguimos entender nada. E então, concluímos que é isso que deveria ser. Eles presumiram que a Bíblia deveria ser obtusa e não comunicativa.

Então, o que você faz nesse tipo de situação? E é isso que acontece quando estamos numa situação em que não temos certeza do que as pessoas querem. Iniciamos o processo de tradução, e quem sabe produzimos algo mais literal e mais comunicativo e dizemos, qual combina mais com o seu pessoal? Qual deles melhor se adapta à sua comunidade cristã? E então eles começam a dizer, bem, embora entendamos o que o primeiro está dizendo, o segundo atende melhor às nossas necessidades. No sul da Tanzânia, trabalhávamos em duas línguas.

Uma era a língua Sangu e a outra era a língua Wangji. O povo Sangu não tinha a igreja há muito tempo. A igreja tinha apenas 20 anos e muitas pessoas ainda não eram cristãs naquele grupo.

E então, disseram eles, queremos uma tradução para o nosso povo que seja um pouco mais comunicativa, para que possamos atraí-los com uma linguagem com a qual estejam familiarizados e que tenha menos obstáculos para que compreendam as escrituras. O povo Wangji, por outro lado, teve a igreja por 70, 80, até 100 anos. As pessoas eram bem versadas nas escrituras.

Eles estavam familiarizados com a Bíblia em suaíli e disseram que não haveria problema se ela fosse um pouco mais próxima da versão em suaíli, que sabemos estar mais próxima da versão literal do inglês. E então duas traduções diferentes para duas pessoas diferentes para dois grupos de pessoas diferentes, dependendo do que eles queriam. Outra coisa que sempre precisamos levar em consideração é: existe uma Bíblia no idioma principal existente? Na Tanzânia, na África Oriental, essa língua é o suaíli.

Por que isso é importante? É importante porque as pessoas irão comparar a tradução com a Bíblia existente. E se eles disserem, ah, isso é tão diferente da Bíblia que conhecemos e amamos, eles podem rejeitá-la exatamente por esse motivo. Mais uma vez, esta ideia de aceitabilidade entra em jogo aqui.

Então, enquanto você traduz, quanta semelhança você retém de uma Bíblia com a qual as pessoas estão familiarizadas? E essa tendência ocorreu na América na década de 1950 com a Bíblia King James. Você não pode mudar a Bíblia King James. Esta é a Palavra de Deus.

Mas então as pessoas disseram, sim, mas nós realmente não entendemos a King James. Então houve um problema aí. Então, existe uma Bíblia e existe respeito suficiente por essa Bíblia existente que de alguma forma impacta a maneira como você precisa traduzir? Outra coisa que temos em mente é se existe outra religião importante que seja dominante naquele país. Poderia ser o Islã.

Poderia ser o Budismo. Poderia ser o Hinduísmo. E essas grandes religiões costumam ter um grande conjunto de literatura religiosa.

Essa literatura religiosa pode até não ser legível para a pessoa comum, mas é esse alto nível literário, esse alto padrão de linguagem, e até mesmo termos específicos são termos religiosos. E então eles estão esperando algo desse alto nível. E se você não produzir algo desse nível, isso poderá ter um grande impacto.

Um dos meus colegas estava trabalhando na Ásia Central neste país, e ele estava trabalhando na língua A. Na língua B, a Bíblia foi escrita por uma agência bíblica diferente, não pela Wycliffe. E eles fizeram uma tradução baseada no significado. Então, eles completaram a Bíblia inteira, e as pessoas da comunidade disseram: não gostamos disso.

Isto foi escrito para crianças. Nós não somos crianças. Isso é muito explicativo.

Não é assim que um livro religioso deveria ser. E assim, levaram caixas do livro traduzido para o escritório desta agência bíblica, empilharam-nas e atearam fogo. Eles os queimaram.

E meu amigo estava conversando com sua equipe de tradução, os cristãos fazendo a tradução com ele, e eles disseram, não queremos que nossa Bíblia seja queimada. Ajude-nos a fazer a ponte entre esta linguagem elevada e a compreensão. E às vezes não há outra maneira senão reformulá-lo e torná-lo completamente diferente, porque é isso que a linguagem exige, para torná-lo algo que faça pelo menos algum sentido.

Então, nós lutamos com isso. Temos que encontrar esse equilíbrio. Temos que encontrar esse meio-termo, esse meio termo.

Então, levamos todas essas coisas em consideração quando estamos fazendo uma tradução. Outra coisa que levamos em consideração é quem é o público-alvo? Para quem você está escrevendo isso? E para quem você está escrevendo dita como redigimos as coisas. Então, se você pensar que todo texto escrito tem uma certa voz, tudo que você escreve tem uma voz.

O autor tem sua voz, que depois coloca no texto que escreve. Então, o que pretendemos e quem é o público-alvo? Não existe um público-alvo universal. Depende de cada comunidade individual.

Como regra geral, como princípio geral, normalmente, tentamos escrever para adultos que têm entre 25 e 45 anos de idade. Se você tentar manter a linguagem antiga de pessoas com mais de 45 anos, obterá algo difícil de ler; talvez o vocabulário não seja conhecido pelas pessoas e elas não o leiam. Se for muito simples, então as pessoas na faixa dos 20 e 30 anos dirão que isso é para crianças. Nós não gostamos disso.

E assim, aos 25 anos uma pessoa é basicamente adulta, e muitas vezes casada, muitas vezes com filhos. E assim esse processo cognitivo se solidificou em suas mentes, e eles entendem a linguagem no nível da maioria dos adultos. E então tentamos atingir o ponto ideal de pessoas de 25 a 45 anos.

Então, dentro da cultura, quem é o nosso público-alvo? São não-cristãos? É todo mundo? São cristãos? Novamente, não podemos dizer universalmente que deveria ser isto ou aquilo. Mas normalmente é para as pessoas da igreja. Deus falou com Abraão e com o povo de Abraão.

Deus falou com Moisés e deu a lei a Moisés para Moisés e o povo. E assim a Bíblia sempre foi algo para a igreja. Agora, Deus não deu a Bíblia aos filisteus, ou ele não deu a Bíblia aos filisteus e aos amorreus e aos jebuseus e todos esses outros, certo? Não.

Ele deu-o ao cristão, à comunidade crente. Então, no Antigo Testamento, eles não eram cristãos, mas podemos dizer que eram a comunidade crente. E normalmente a Bíblia é traduzida para a comunidade crente.

E em um lugar onde as escrituras nunca estiveram? Trabalhei em um desses. Para quem traduzimos nesse caso? Traduzimos para pessoas crentes cristãs ou pessoas que passarão a acreditar em Cristo. E do ponto de vista missiológico como missionário, e da minha formação como missionário na faculdade, tanto na graduação quanto na pós-graduação, não mudamos a mensagem dependendo das pessoas para que possamos conquistá-las.

Mantemos a mensagem da forma como está nas escrituras e mantemos a integridade das escrituras e, ao mesmo tempo, comunicamos a verdade do evangelho. O evangelho será ofensivo? Sim. As palavras de Jesus foram ofensivas para as pessoas dos seus dias? Sim.

Foi a verdade? Sim. Como alcançamos esse equilíbrio? Algo para manter em mente. Mas normalmente, nós o traduzimos para a comunidade cristã ou para pessoas que no futuro serão a igreja.

E coisas como notas de rodapé? E quanto a coisas como referências cruzadas? E quanto a coisas como introduções de livros? E os glossários? Chamamos todas essas coisas de material paratextual em oposição ao próprio texto. Deveríamos mesmo colocá-los, e por que deveríamos colocá-los? Muitas vezes, os pastores destes diferentes grupos linguísticos têm trabalhado numa língua como o suaíli, e o que descobrimos dos pastores na Tanzânia foi que eles usavam o suaíli, mas realmente não canta aos seus corações. Realmente não causa um impacto tão profundo.

Mas então, quando fornecemos a tradução no idioma deles, e incluímos notas de rodapé, e incluímos referências cruzadas, glossário e introduções, eles sentam-se ali e dizem: Nunca percebi que tudo isso estava na Bíblia. Isso é ótimo. E as pessoas nos bancos provavelmente não param para ler isso.

Então, o que estamos fazendo? Estamos fornecendo as escrituras para os pastores obterem uma compreensão mais profunda das escrituras, que então se relaciona com a forma como eles se comunicam no púlpito e seus sermões e suas mensagens, e os pastores estão nos dizendo, isso é ótimo. Minha pregação acaba de decolar e tem um impacto ainda maior agora porque tenho uma compreensão maior das escrituras. E então, em alguns lugares, claro, queríamos falar com a pessoa comum no banco, mas a pessoa que mais usa isso inicialmente pode ser o pastor.

E assim, estamos traduzindo para os pastores a esse respeito. Então, temos que manter tudo isso em equilíbrio. E, novamente, não existe um tamanho único.

Não há nada que precise ser assim em todos os contextos. Depende apenas de para quem você está traduzindo, com quem você está traduzindo, qual é a comunidade cristã e, novamente, a questão toda é: o que eles querem? Ok, então falando sobre interlingual. Interlinguístico.

Você acabou de dizer isso de uma maneira diferente, certo? É fácil. Tudo bem? Aqui vamos nós. Então temos essas frases.

Estas são frases que podem ser ditas por um médico. E vamos fingir que você é um intérprete verbal e que a pessoa para quem você está interpretando é uma criança americana de oito anos. OK? Então, o médico diz cada frase, e então você tem que reformular essa frase em uma fração de segundo e dizer apenas uma frase, não uma explicação.

Você não pode fazer um parágrafo. Diga essa frase de uma maneira diferente para a criança. OK? Então, se olharmos para as frases apenas por um segundo, o que dizer da primeira? Seu médico recomenda que você siga uma dieta com baixo teor de gordura.

Como você pode dizer isso? O que pode ser difícil para uma criança de oito anos entender? Um seria o verbo seguir. Geralmente você segue alguém que está na sua frente, ou algo que está na sua frente. Ou você segue as instruções.

Mas seguir uma dieta é uma maneira estranha de dizer isso. Recomenda, a criança pode pegar. Sugere, ou quer, ele quer que você faça, ou algo assim.

OK? Ou ela quer que você faça isso. Ótimo. Então, a seguir, você tem que usar uma palavra diferente.

Dieta com baixo teor de gordura. A propósito, este é um conjunto real de frases que dou aos meus alunos, e é incrível como isso é difícil. Então eles pensam, ah, você precisa comer mais frutas e vegetais.

Ótimo. Quantas pessoas levantam a mão e colocam toneladas de manteiga nos vegetais? Sim. Isso é uma dieta com baixo teor de gordura? Não, não é.

OK? Ou você tem uma caçarola carregada com coisas boas, suculentas e oleosas, e contém muitos vegetais, mas não tem baixo teor de gordura. Qual é o sentido básico de significado que precisamos comunicar nisso? E então temos uma palavra, acompanhe, isso é um desafio. Temos a palavra baixo teor de gordura, isso é um desafio.

Então siga, podemos substituí-lo pela palavra comer. Sua filha sugere, seu médico sugere que você coma, o que? Uma dieta com baixo teor de gordura. Isso é realmente abstrato.

O que você come? Nós comemos comida. OK? Como deveria ser essa comida? Alimentos que não contenham muita gordura. Isso é uma dieta com baixo teor de gordura? Provavelmente é o mais próximo que podemos chegar em uma frase de maneira rápida.

OK. E quanto ao número quatro? Alguns sintomas de alergia incluem coceira nos olhos, coriza e espirros. Agora, o médico disse que o paciente tinha essas coisas? Não, é uma descrição, certo? Portanto, os sintomas de alergia são um problema, inclua o problema.

E assim, os sintomas de alergia são abstratos, mas precisamos torná-los um pouco mais concretos para as crianças. E então podemos dizer algo como, se uma pessoa tem alergia a coisas, e a partir daí, ela pode ter coceira nos olhos, pode estar com o nariz escorrendo e pode espirrar ou espirrar. E então estamos dizendo a mesma coisa, estamos dizendo isso de uma maneira diferente, e estamos expressando isso de uma forma que uma criança possa entender.

Mesmo o número três parece bastante simples: essas gotas causarão visão embaçada por algumas horas. Essas gotas que vamos colocar em seus olhos em um segundo farão com que você veja embaçado. Novamente, a visão embaçada é abstrata, você verá embaçada, ou alguma forma disso, faz mais sentido para uma criança.

A visão embaçada é como: de quem estamos falando? Ou mesmo sendo criança, eu entendo a palavra visão. E então, novamente, levamos em consideração o quê? O público alvo? Levamos em conta o que eles precisam? Levamos em consideração como podemos nos comunicar melhor com eles? Como podemos dizer isso de uma forma que seja compreensível? São simplesmente informações como sintomas de alergia ou instruções como seguir uma dieta com baixo teor de gordura? Ambos são diferentes. Um deles é um encorajamento, que pode ser uma ordem ou pelo menos uma exortação.

E o segundo é informação direta. E assim nos comunicamos de maneira diferente com base no motivo pelo qual estamos nos comunicando. Assim, apenas a título de revisão, uma tradução está transferindo o significado, transferindo o significado e a função de um texto de origem no seu contexto sociocultural para um texto de destino que tenha significado e função equivalentes, tanto quanto possível.

É por isso que falamos sobre função com essas sentenças médicas. Significado e função equivalentes no contexto sociocultural da língua-alvo. E novamente, os três tipos de tradução.

Interlíngua, entre duas línguas. Intralingual, dentro de um idioma. E ferramentas intersemióticas de envolvimento com as escrituras.

Obrigado.

Este é o Dr. George Payton em seu ensinamento sobre Tradução da Bíblia. Esta é a sessão 2, Introdução à Tradução da Bíblia, Parte 2.